

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 33 No. 3 Setembro – Dezembro 2020
Edição Especial: Gestão de Acervos Arqueológicos

ARTIGO

PLURALIDADE DOS ACERVOS EPISTÊMICOS NA AMAZÔNIA: HISTÓRIA, GESTÃO E DESAFIOS DO LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA CURT NIMUENDAJÚ (UFOPA)

Camila Jácome¹, Anne Rapp Py-Daniel², Gabriela Prestes-Carneiro³, Myrtle Pearl Shock⁴,
Claide de Paula Moraes⁵, Márcio Amaral⁶, Myrian Sá Leitão Barboza⁷, Bruna Rocha⁸,
Vinicius Honorato de Oliveira⁹, Elaine dos Santos Pinto¹⁰

RESUMO

Os acervos arqueológicos constituem relevante patrimônio e fonte de estudo, imprescindíveis para compreensão do legado histórico e cultural promovido pelas sociedades pretéritas e presentes. A gestão desses acervos extrapola a curadoria, implicando compromissos éticos, políticos, educacionais e científicos junto às diferentes comunidades. Nesse cenário, o Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú da UFOPA (Santarém, PA) possui conformação especial devido à sua localização e por ser acessado por diferentes pessoas, incluindo povos indígenas e tradicionais. O laboratório atua como um lugar de conexão geracional e de pluralidade de saberes. Com base nessas peculiaridades, apresentamos o seu histórico de criação e constituição de suas coleções, além dos desafios inerentes ao seu processo de gestão.

Palavras-chave: acervos arqueológicos; ensino em Arqueologia; comunidades e Arqueologia.

¹ Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: camilajacome88@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3870-1796>.

² Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: annerpd1@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5919-452X>.

³ Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: gabi_prestes@hotmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2958-5797>.

⁴ Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: profshock@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9129-0442>.

⁵ Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: claide29@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3562-0029>.

⁶ Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. E-mail: kawayba@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3532-899X>.

⁷ Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: myrianbarboza@ufl.edu.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6712-7386>.

⁸ Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: b.c.rocha@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4250-0946>.

⁹ Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: vinicius.honorato.oliveira@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4176-5451>.

¹⁰ Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: elaineapolo2018@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1993-970X>.

PLURALITY OF EPISTEMIC COLLECTIONS IN THE AMAZON:
HISTORY, MANAGEMENT AND CHALLENGES OF THE CURT NIMUENDAJÚ
ARCHAEOLOGY LAB (UFOPA)

ABSTRACT

Archaeological collections constitute relevant heritage and study sources, essential for understanding the historical and cultural legacy promoted by past and present societies. The management of these collections goes beyond their curatorship, implying also ethical, political, educational and scientific commitments vis-à-vis different communities. Within this scenario, UFOPA's Curt Nimuendajú Archaeology Lab, situated in Santarém, Pará presents a special configuration due to its location and because it is accessed by different actors, including indigenous and traditional peoples. The lab acts as locus for generational connection and plural knowledge. Based on these specificities, we present the trajectory of its creation and of the constitution of its collections, in addition to the challenges inherent to its management.

Keywords: archaeological collections; Archaeology teaching; communities and Archaeology.

PLURALIDAD DE LOS ACERVOS EPISTÉMICOS DE AMAZONIA:
HISTORIA, GESTIÓN Y DESAFÍOS DEL LABORATORIO DE ARQUEOLOGÍA
CURT NIMUENDAJÚ (UFOPA)

RESUMEN

Los acervos arqueológicos constituyen patrimonios y fuentes relevantes de estudio, imprescindibles para la comprensión del legado histórico y cultural promovido por sociedades pretéritas y presentes. La gestión de estos acervos extrapola la curaduría, implicando compromisos éticos, políticos, educativos y científicos junto a las diferentes comunidades. En este panorama, el Laboratorio de Arqueología Curt Nimuendajú de la UFOPA (Santarém, PA) posee una conformación especial debido a su localización y acceso por diferentes actores y pueblos indígenas y tradicionales. El laboratorio actúa como un lugar de conexión generacional y de pluralidad de conocimientos. Basado en estas peculiaridades, presentamos en este artículo sus antecedentes de creación y constitución de las colecciones, además de los desafíos inherentes a su proceso de gestión.

Palabras clave: acervos arqueológicos; enseñanza en Arqueología; comunidades y Arqueología.

INTRODUÇÃO: ACERVOS EPISTÊMICOS NA AMAZÔNIA

Os acervos arqueológicos e etnográficos, dispostos em museus ou laboratórios de instituições de pesquisa e ensino, revelam uma pluralidade de saberes, tecnologias, intercâmbios culturais e estratégias de sobrevivência desenvolvidas por múltiplos povos em diferentes contextos e temporalidades. Por isso, denominamos "acervos epistêmicos" o valioso conjunto de material cultural organizado nessas coleções. Os acervos epistêmicos na Amazônia possuem um papel fundamental na conexão e compartilhamento de saberes quando são acessíveis. O norte do Brasil é historicamente desfavorecido em termos de investimentos educacionais, científicos e culturais. Nessas condições, acervos relacionados à história das populações podem ganhar proporções ainda maiores nos processos identitários e de autoconhecimento, elementos que já são comuns à essência do patrimônio arqueológico (WICHERS, 2016), mas que, se gerenciados de maneira dinâmica e engajada (ALMEIDA, 2018), são potencializados.

Em Santarém (PA), o Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú apresenta um cenário especial, pois conecta pessoas das artes, da educação, cientistas, escolares, estudantes, indígenas, quilombolas, dentre outros, ao mesmo tempo em que está sobreposto a um grande e importante sítio arqueológico, o sítio Porto, e muito próximo do sítio Aldeia (Figura 1). Considerando essas particularidades, buscamos desenvolver ao longo da última década um repertório de ações nas esferas educacionais, científicas e extensionistas, na tentativa de atender às demandas locais e à nossa responsabilidade institucional voltada para a tríade do ensino-pesquisa-extensão com ética e qualidade. Todavia, a gestão desse laboratório é prejudicada devido ao ínfimo orçamento disponibilizado anualmente e aos problemas de manutenção estrutural decorrentes do ambiente amazônico. Por outro lado, entendemos que as assimetrias de alteridades, identidades e epistemologias nos lançam um desafio estimulante para a dinâmica de gestão do laboratório e de seu acervo, e a interação entre diversas pessoas de dentro e fora da Universidade.

Figura 1 – Localização dos sítios Porto e Aldeia no contexto urbano da cidade de Santarém e do Campus Tapajós da UFOPA. Mapa: Ney Rafael Gomes Monteiro, a partir de levantamento arqueológico de Márcio Amaral (2020).



Baseado nesse panorama, apresentamos adiante a relevância do laboratório e de sua reserva no contexto local e regional; o papel do laboratório para formação dos¹ estudantes e jovens pesquisadores amazônides; o contexto histórico de sua criação; sua inserção na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA); e as coleções constituídas ou herdadas até o momento, oferecendo um panorama dos potenciais que elas representam para a pesquisa arqueológica amazônica.

A PLURALIDADE DO LABORATÓRIO CURT NIMUENDAJÚ

Criado em 2010, o Laboratório Curt Nimuendajú integra o bacharelado em arqueologia da UFOPA e se encontra instalado no campus Tapajós (Figura 1). A localização do laboratório sobre o sítio arqueológico Porto possibilita a convivência contínua entre a comunidade universitária e os artefatos arqueológicos. Ademais, Santarém possui cerca de 100 sítios conhecidos, muitos não cadastrados, porém ainda com grandes áreas não prospectadas (RAPP PY-DANIEL *et al.*, 2017). Assim, grande parte da população do município já teve contato com material cerâmico arqueológico, seja durante reformas domésticas, seja no plantio de hortas ou roçados, uma realidade comum em toda Amazônia (BEZERRA, 2018). Mesmo que muitas pessoas não conheçam a origem desses objetos, a maioria os correlaciona com uma produção indígena antiga. Muitos dos povos presentes na região hoje, como Munduruku, Apiaká, Tapuia, Borari, Maytapu, Cara Preta, Tupinambá, Kumaruara, Arapiun, Jaraqui, Tapajó, Tupaiú e Arara Vermelha, associam esse material à sua ancestralidade.

Ao longo do processo de urbanização, da implementação de fazendas e de comunidades rurais de Santarém, as descobertas de artefatos antigos sempre estiveram presentes. Nesse contexto, muitas coleções foram formadas, mas praticamente todas, deslocadas para diferentes localidades – como Gotemburgo, Filadélfia, Rio de Janeiro, Belém e São Paulo (SCHAAN, 2007). Esses reiterados episódios de remoção (ALVES, 2019) evocam na população local um sentimento de desapropriação e podem ter contribuído para a organização autônoma de inúmeras coleções domésticas (SILVA, 2018). Esse “coleccionismo doméstico” é antigo e profundamente relacionado à história de vida das pessoas amazônidas (SCHAAN, 2007; BEZERRA, 2018).

Associado a esse cenário, discentes da UFOPA apresentam perfis plurais, distintos de quase todas as instituições de ensino superior no Brasil. Cerca de 80% dos estudantes da UFOPA vieram da escola pública, são residentes de áreas periféricas, de comunidades² rurais próximas; de outros municípios ou de estados vizinhos. Muitos deles são indígenas, quilombolas, ribeirinhos, afrodescendentes e/ou em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Essa realidade é resultante da política de ação afirmativa federal consolidada³ pela UFOPA desde a sua criação em 2009, que se encontra em constante

¹ Escolhemos a linguagem neutra de gênero, não-binária, para nos referirmos as pessoas sem particularização como masculino ou feminino. A escolha foi substituir os marcadores o/a (masculino/feminino) por e (neutro), em preposições, substantivos e adjetivos. No caso de substantivos que não flexionam por gênero, optamos pela grafia original (por exemplo: indígenas, quilombolas etc.).

² Comunidades tradicionais dos rios Tapajós, Arapiuns e do paranã do Maicá.

³ A UFOPA instaurou três vias de ingresso que contemplam a política de ações afirmativas: 1) o Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI); 2) o Processo Seletivo Especial Quilombola (PSEQ); e 3) as vagas destinadas para estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, negros e indígenas também no Processo Seletivo Regular (PSR). Segundo dados da Pró-Reitoria de Gestão Estudantil (PROGES) de novembro de 2019, a UFOPA possuía, em seu corpo discente, 85% de alunos oriundos de escolas públicas. Atualmente a universidade possui 534 estudantes indígenas e 316 estudantes quilombolas ingressantes via PSE. Adicionalmente, existem estudantes indígenas e quilombolas que entraram pelo processo seletivo regular. A fim de garantir a permanência desses alunos na universidade e sua sobrevivência na cidade de Santarém, a instituição vem implantando uma política de bolsas e auxílios-permanência. Recentemente foi inaugurado o Restaurante Universitário que complementará a efetividade dessas ações. Do ponto de vista pedagógico, os cursos de

readequação. Além disso, também temos um quadro de ingresso de alunes LGBTQIA+, mas que ainda não recebem apoio institucional por meio de ações afirmativas.

Em geral, esses estudantes, conhecem e vêm interagindo com os vestígios arqueológicos durante boa parte de suas vidas, trazendo consigo relevante "bagagem" histórica e cultural que é compartilhada entre os demais alunes e servidores. Esse conhecimento prévio também implica interpretações e apegos sentimentais próprios dos moradores dessa região, o que por sua vez leva a questionamentos de fundo teórico e prático. Essa interação revigora nossa formação profissional e nos torna arqueólogos mais sensíveis e atuantes na conjuntura política-sociocultural na qual as comunidades estão inseridas. Essa experiência também nos converte em aprendizes, uma vez que os alunes atuam como educadores, compartilhando suas trajetórias coletivas, ensinando sua leitura do meio ambiente e demonstrando a importância do material arqueológico para o processo de afirmação identitária e a geração de renda (através do turismo ou comercialização de réplicas). Essa é uma situação extremamente particular, principalmente considerando as contribuições da arqueologia moderna no crescimento exponencial dos acervos e na aplicação das leis de proteção ao patrimônio durante as etapas de licenciamento ambiental, mas que tem restringido a disponibilização desses materiais ao público, concentrando-os em poucas instituições (WICHERS, 2016, p. 37).

Os efeitos dessa experiência revelam novos "modos de fazer" arqueologia com o desenvolvimento de abordagens teóricas e metodológicas inovadoras. Exemplo disso é a recente conclusão de pesquisas de arqueologias indígenas (NICHOLAS, 2008), produzidas por estudantes indígenas (WAI WAI, J.; 2017; JESUS, 2018; SILVA, 2018; WAI WAI, C., 2019; MUNDURUKU, J. B. ⁴, 2019; WAI WAI B., 2019), e o desenvolvimento atual de pesquisas de arqueologias da diáspora africana por estudantes quilombolas e afrodescendentes. Assim, o estímulo e desafio desse exercício constante de confronto e de pluralidade epistêmica, nos leva a tentar a construção de uma arqueologia contra hegemônica, que prioriza a confluência de saberes (SANTOS, 2019).

Outra particularidade que merece destaque diz respeito à configuração espacial do laboratório sobre um sítio intensamente impactado pelos processos históricos de urbanização. Nessa configuração, podemos dizer que a universidade se torna a camada mais recente do sítio. O convívio com o sítio nos permite inspirações e reflexões diversas, além de representar um laboratório "ao ar livre", pois o utilizamos como sala de aula e campo de pesquisa para análises diversas. A acessibilidade dos vestígios desse sítio também tem auxiliado - em âmbito pedagógico, científico e operacional - no fortalecimento da formação de discentes e docentes.

IMPORTÂNCIA DA RESERVA TÉCNICA NO CONTEXTO LOCAL E REGIONAL

Ao contrário de muitas reservas técnicas que foram constituídas ao longo do tempo - como, por exemplo, o Museu Paraense Emílio Goeldi (SILVEIRA *et al.*, 2017) -, nosso acervo é recente. Dentro da arqueologia, da museologia ou mesmo da conservação, uma série de questionamentos surge sobre o objetivo de manter grandes (ou pequenas) coleções hermeticamente fechadas dentro de instituições de pesquisa e guarda (LIMA *et al.*, 2018). Para quê e para quem arqueólogos estão, a longo prazo, trabalhando (HODDER *et al.*, 1995; SCHAAN, 2007; ROCHA *et al.*, 2013)?

Arqueologia e Antropologia oferecem semestralmente a disciplina Laboratório de Textos, destinada para discentes indígenas e quilombolas, para auxílio nas leituras e atividades desenvolvidas nas outras disciplinas.

⁴ Recentemente o aluno egresso Jair Munduruku foi premiado na categoria de melhor trabalho de graduação em arqueologia da 8ª edição do Prêmio Luiz de Castro Faria (IPHAN), ano de 2020.

Grande parte da acessibilidade do acervo do Laboratório se dá por sua localização e pela forma como os sítios e vestígios arqueológicos interagem com a população amazônica. Gerenciamos uma das principais reservas técnicas (RTs) do interior da Amazônia⁵. Quase todos os outros locais que abrigam coleções no interior da Amazônia são fruto de iniciativas pessoais ou de pequenos coletivos (SCHAAN, 2007; BEZERRA, 2018). É muito comum que os professores, os gestores de cultura e integrantes de igrejas guardem ou mesmo exponham material. Boa parte das doações que recebemos são oriundas dessas pequenas coleções locais, quando indivíduos ou coletivos, ao valorizarem os vestígios arqueológicos, decidem que eles precisam ser guardados por arqueólogos profissionais.

A presença de um local, dentro da universidade, que congregue acervo arqueológico e explicitamente o associe às ocupações indígenas, ao mesmo tempo em que valoriza essas populações e o conhecimento e gestos relacionados ao material, também se configura como uma mudança de perspectiva importante para a região. A cidade de Santarém, antes de ter sido elevada a povoado e, posteriormente, à cidade, foi uma missão jesuíta, que, por sua vez, foi implantada sobre um dos maiores sítios arqueológicos conhecidos das terras baixas (NEVES, 2015). Santarém está localizada acima de uma das maiores aldeias (ou talvez devamos chamar de cidades) indígenas da Amazônia. A história oficial local narra a fundação da cidade a partir da missão jesuítica, provocando maior difusão dessa versão pelos habitantes locais do que a grande ocupação indígena, verdadeira origem tanto da missão quanto da cidade.

Um exemplo significativo é que há uma estátua do Padre João Felipe Bettendorff, o fundador da missão, em uma das praças mais importantes da cidade, a Praça Rodrigues dos Santos. Enquanto a história indígena, ficou restrita aos poucos fragmentos arqueológicos e líticos expostos no Centro Cultural João Fona. Em contraponto à visibilidade da estátua de Bettendorff, o monumento indígena de rememoração de resistência aos 500 anos após a invasão dos europeus é praticamente "invisível" aos transeuntes que passam pela movimentada Praça Monsenhor José Gregório, no centro da cidade. Assim, a invisibilização dos indígenas no passado permanece no presente; a narrativa oficial histórica local é que os povos indígenas de Santarém, em especial, os Tapajó, foram "extintos" no século XVIII. O movimento indígena do baixo Tapajós está aí para provar exatamente o contrário (VAZ DE ALMEIDA, 2010), isto é, o quanto esses povos resistiram e estão presentes em momentos cruciais da história do Pará, como no movimento da Cabanagem.

Outra particularidade do acervo do laboratório está relacionada às pesquisas dos professores que entendem a arqueologia na Amazônia como História de Longa Duração. Essa premissa se materializa de uma forma muito particular, por meio da abordagem do material arqueológico como parte elementar e constituinte da história das populações indígenas, quilombolas, ribeirinhas, etc. A forma como temos pensado o acesso à reserva técnica de arqueologia e ao laboratório tem levado em consideração essa diversidade populacional, o que gera engajamento e compreensão do potencial da cultura material como elemento essencial para a construção da identidade e historicidade regional. Na prática, isso se traduz em uma série de ações, como: abertura da reserva técnica e do laboratório às visitas, mesmo se não preparada para tal (a maior parte são agendadas, mas muitas visitas são espontâneas); organização dos projetos de pesquisa e extensão que envolvam a população e que atuem com suas autorizações prévias; incentivo à presença de diferentes coletivos dentro do espaço acadêmico; o repensar da importância do toque

⁵ Existem também as RTs do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSMA), no Amazonas, e do Núcleo de Arqueologia de Marabá, no sul do Estado do Pará, ambas regularizadas e aptas a receber acervo.

(BEZERRA, 2013); e o uso contínuo das coleções durante as disciplinas práticas. Ademais, pessoas que visitam ou estudam Arqueologia têm utilizado o material da RT como referência para a produção de réplicas e experimentações. Todas essas ações demandam tempo, exigem um conhecimento regional e disponibilidade por parte dos professores, não se pode dizer, portanto, que esse processo é simples e rápido, mas também, que ele não é possível. Tais ações demandam muito dos servidores envolvidos, mas também trazem retornos importantes.

As situações com as quais lidamos nos levam a reflexões sobre a funcionalidade de uma RT/laboratório de arqueologia, assim como a importância desses espaços na atuação como locais de diálogo e compartilhamento de saberes entre academia e sociedade (SCHAAN, 2007; LIMA *et al.*, 2018). No Brasil a universidade historicamente se constituiu como um lugar de exclusão social e mantenedora de um *status quo*, uma relação perversa e de continuidade da colonialidade (HOOKS, 2013). Recentemente, diante do maior acesso de pessoas tradicionalmente excluídas através das políticas de ações afirmativas, que na UFOPA⁶ foram iniciadas antes da lei 12.711/2012, a própria instituição tem sido questionada e repensada. Como funções sociais, esses "espaços arqueológicos" ganham novos significados e têm se transformado à medida que as pessoas que ocupam a universidade também o transformam.

HISTÓRICO DO LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA CURT NIMUENDAJÚ

A professora Denise Schaan criou o Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú em função de uma série de projetos de salvamento arqueológico que coordenava no sítio Porto (SCHAAN; ALVES, 2015). Esse sítio se situa, em parte, entre as áreas da antiga praia da Vera Paz e o Campus Tapajós da UFOPA (Figura 1). Esse sítio foi primeiramente escavado pelo próprio Curt Nimuendajú na década de 1920 (NIMUENDAJÚ, 2004, p.130), que registrou um pacote arqueológico com a espessura de 140 cm. Posteriormente, Frederico Barata realizou coletas de superfície no local (BARATA, 1954). A própria Praia da Vera Paz, um dos principais balneários da cidade de Santarém, e o sítio Porto foram muito impactados pela construção do terminal graneleiro da multinacional Cargill. O licenciamento ambiental relacionado ao patrimônio arqueológico dessa obra incluiu um projeto de salvamento e levou à primeira reforma do espaço do Laboratório de Arqueologia (Figura 2), que serviu antes como alojamento para pesquisadores. Mesmo após a estruturação da UFOPA, Schaan e colaboradores conduziram pesquisas em Santarém e em municípios ao redor da região do Planalto Santareno, mantendo a UFOPA como base. Como veremos adiante, o material dessas pesquisas se encontra, em grande parte, sob a guarda do Laboratório Curt Nimuendajú (UFOPA).

Em 2011, o quadro dos professores da UFOPA era de apenas quatro contratados. Neste período ainda de construção do curso, os professores e estudantes começaram a utilizar e depois gerenciar as atividades conduzidas no laboratório em parceria com a equipe da UFPA. Desde então, no laboratório são realizadas pesquisas, ações de extensão e aulas práticas do curso, além de atividades temporárias dos pesquisadores/docentes de outras instituições. O espaço inicial, de cerca de 128 m², se mostrou insuficiente para

⁶ A interiorização do ensino superior no Brasil é uma dessas estratégias que vem mudando a (s) cara (s) da universidade pública brasileira, em geral branca, elitizada e situada nos grandes centros do sul e sudeste. É nesse contexto que a UFOPA foi criada em 5 de novembro de 2009, a partir da incorporação dos *campi* da Universidade Federal do Pará (UFPA) e da Universidade Federal Rural (UFRA), situados na cidade de Santarém-PA, Estado do Pará. Ela foi a primeira instituição federal de ensino superior com sede principal no interior da Amazônia brasileira com objetivo estratégico de repensar e ampliar a formação acadêmica e a produção de conhecimento científico na região. Essa implantação é um processo longo e ainda não concluído. A universidade ainda está em processo de construção de seus espaços físicos em Santarém, Juruti, Oriximiná, Itaituba, Monte Alegre, Óbidos, Rurópolis, Novo Progresso e Alenquer.

essas atividades de guarda, ensino e pesquisa. Em função disso, um segundo prédio foi reformado e ampliado pela UFOPA entre 2012 e 2013, que hoje se constitui como Laboratório 2 (Figura 2). O projeto dessa reforma foi financiado por projetos de Denise Schaan, enquanto a reforma dos espaços de pesquisa e as melhorias para a qualidade de guarda do patrimônio arqueológico foram executados pela UFOPA. Inicialmente, em ambos os laboratórios, havia salas destinadas para reserva técnica de material arqueológico.

Figura 2 – Os espaços do Laboratório Curt Nimuendajú. Esquerda: o antigo Laboratório 1 (acima) e Laboratório 2 (abaixo). Direita: visão de parte da Reserva 2. Fotos: Myrtle Pearl Shock (2015) e Anne Rapp Py-Daniel (2020).



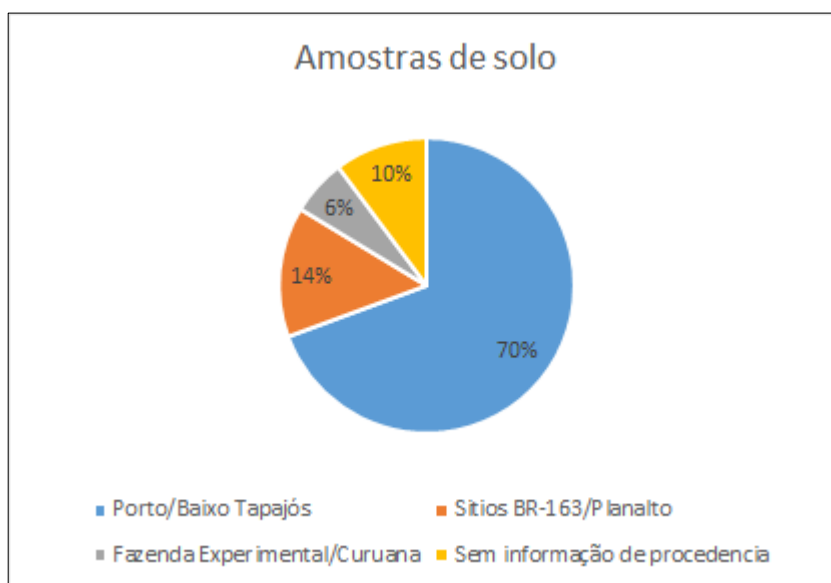
Nos últimos anos, diante da ampliação do quadro docente (atualmente onze) e discente (aproximadamente 150), e do aumento do volume de pesquisas e guarda de material arqueológico, ficou evidente a necessidade de uma nova ampliação dos espaços. Em 2017, o Laboratório 2 foi então reformado e expandido com a inclusão de novas salas. Essa obra gerou três salas de reserva técnica, uma sala de aula e um espaço aberto com cobertura, onde são realizadas atividades de experimentação arqueológica e limpeza do material de campo.

O Laboratório 1, que é uma edificação mista de madeira e alvenaria, atualmente está desativado devido a problemas estruturais. Parte das atividades realizadas no Laboratório 1, como aulas e pesquisa, foram alocadas em salas do Núcleo Tecnológico de Laboratórios da UFOPA, ainda em fase de implementação. Assim, todo o acervo arqueológico da UFOPA está concentrado nas reservas técnicas do Laboratório 2, onde também estão abrigadas boa parte das atividades de pesquisas, além das disciplinas práticas e ações de extensão com comunidades diversas.

O ACERVO DO LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA CURT NIMUENDAJÚ

A RT do Laboratório está organizada em três espaços destinados a materiais arqueológicos com características próprias. Na Reserva 1 ficam guardadas amostras de solo de sítios arqueológicos ainda não processadas. A maior parte dos solos armazenados fazem parte dos estudos do sítio Porto (Figura 3), que normalmente passam por peneiramento refinado com auxílio de água. Essa metodologia tem fornecido resultados excelentes na recuperação de microvestígios líticos, ósseos e paleobotânicos (MORAES *et al.*, 2014; FÉLIX, 2018), além de reduzir consideravelmente o volume de material acondicionado.

Figura 3 – Gráfico com a porcentagem de amostras de solo por sítios e/ou região armazenadas na Reserva Técnica 1 do Laboratório Curt Nimuendajú (UFOPA), oriundas de diferentes projetos. Elaborado por Camila Jácome (2020).



Na Reserva 2 estão guardados os vestígios inorgânicos (cerâmica, lítico, vidraria e louça), que constituem a maior parte do acervo. Nessa reserva existem dois tipos de coleções: aquelas constituídas a partir de pesquisas e as coleções de doação, que apresentaremos adiante. O acervo constituído anteriormente à fundação da UFOPA ainda não está organizado segundo os padrões dos projetos desenvolvidos por docentes dessa instituição. Na Reserva 3 ficam guardados principalmente os materiais de origem orgânica ou frágeis, como remanescentes humanos, material faunístico e a coleção paleobotânica. Nessa reserva também foi estabelecida uma série de medidas extras (ex.: acompanhamento semanal ou mensal, registro fotográfico de praticamente todos os vestígios, mesmos pequenos fragmentos ósseos etc.) para garantir a estabilidade do material, normalmente muito frágil (CRONYN, 1990).

O desafio de manter a maior estabilidade possível de materiais arqueológicos orgânicos, ou frágeis em geral, em um contexto tropical úmido tem sido visto como pedagógico e nos move em um processo de reflexão e de testagem de metodologias que é contínuo, em que não há protocolo fechado, ainda mais quando não há especialistas em conservação na equipe (SILVEIRA *et al.*, 2017). Alguns exemplos de ações que estamos adotando consistem na tentativa de manutenção de materiais sensíveis, de contextos comuns, em proximidade e no registro contínuo da umidade e temperatura, com circulação de ar de forma constante, mas sem o uso de ar-condicionado ou desumidificadores (CRONYN, 1990; FRONER, 2008; MAEKAWA, 2015).

As reservas técnicas também guardam acervos temporários – como, por exemplo: um conjunto cerâmico (urnas policromas) do sítio Tauary, oriundo do Município de Tefé/AM (MORAES *et al.*, 2020), cuja guarda definitiva é do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá; o material do Projeto “Alimentação, manejo da terra e cultura: uma abordagem paleoetnobotânica da pré-história indígena no nordeste do Estado do Amazonas”, que possui guarda definitiva no Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Amazonas; e algumas coleções da região de Monte Alegre, fruto da parceria da UFOPA com o Museu Paraense Emílio Goeldi, firmado pelo “Projeto Arqueologia de Monte Alegre – PA”.

Algumas disciplinas e projetos dos professores do curso de Arqueologia têm gerado acervos de experimentações e de referência, que se tornaram fundamentais nas atividades de ensino do curso. Os diferentes tipos de acervo são continuamente usados em disciplinas de análise de materiais (cerâmica, lítico, zooarqueologia, paleobotânica etc.), de pesquisas de iniciação científica e também na elaboração de trabalhos de finalização de curso (ANDRADE DOS SANTOS, 2015; ARAÚJO, 2020; BRANCHES, 2019; CORREA CARVALHO, 2016; FÉLIX, 2018; GÓES, 2017; HOSN, 2018; JESUS, 2018; LIMA, 2017; PINHEIRO, 2018; PINTO, 2018; SANTOS, S. S., 2018; SANTOS, M. F. S., 2016; SANTOS; PRESTES-CARNEIRO, 2014; SILVA, 2018; SOUSA ALVES, 2020; TAVARES, 2018; VASCONCELOS JÚNIOR, 2020; WAI WAI, C., 2019; WAI WAI, J., 2017).

Coleções de pesquisa

O acervo do Laboratório tem uma enorme potencialidade para pesquisa e ensino de arqueologia da Amazônia devido à sua diversidade e à possibilidade de experimentação de metodologias de análises não-destrutivas. Esse acervo conta com materiais de mais de 115 sítios arqueológicos⁷, provenientes de sete microrregiões amazônicas – três delas, no rio Tapajós, (baixo, médio e alto Tapajós) e as demais, nas regiões do Planalto santareno, da Floresta Nacional do Tapajós (FLONA) e da cidade de Belterra (Figura 4). Ainda próximo à cidade de Santarém, temos sítios pesquisados na região do rio Curuá-Una, afluente do Amazonas; assim como sítios pesquisados na bacia do rio Trombetas (Figura 4).

Temos amostras representativas de materiais tanto de períodos recentes quanto de períodos anteriores à invasão europeia, como os encontrados no Sítio Porto e na região do Planalto santareno (Figura 5). Da região do Planalto, foram feitas escavações no sítio escola da Fazenda Experimental (UFOPA), onde encontramos, além de cerâmica incisoponteadada, muito comum em Santarém e na região do baixo Tapajós, um exemplar de um muiiraquitã, um achado muito raro (Figura 5).

⁷ O quantitativo exato de sítios e materiais está sendo realizado no processo de inventário e curadoria em andamento.

Figura 4 – Porcentagem do material arqueológico presente na Reserva 2 do Laboratório Curt Nimuendajú, localizado por microrregiões. Elaborado por Camila Jácome (2020).

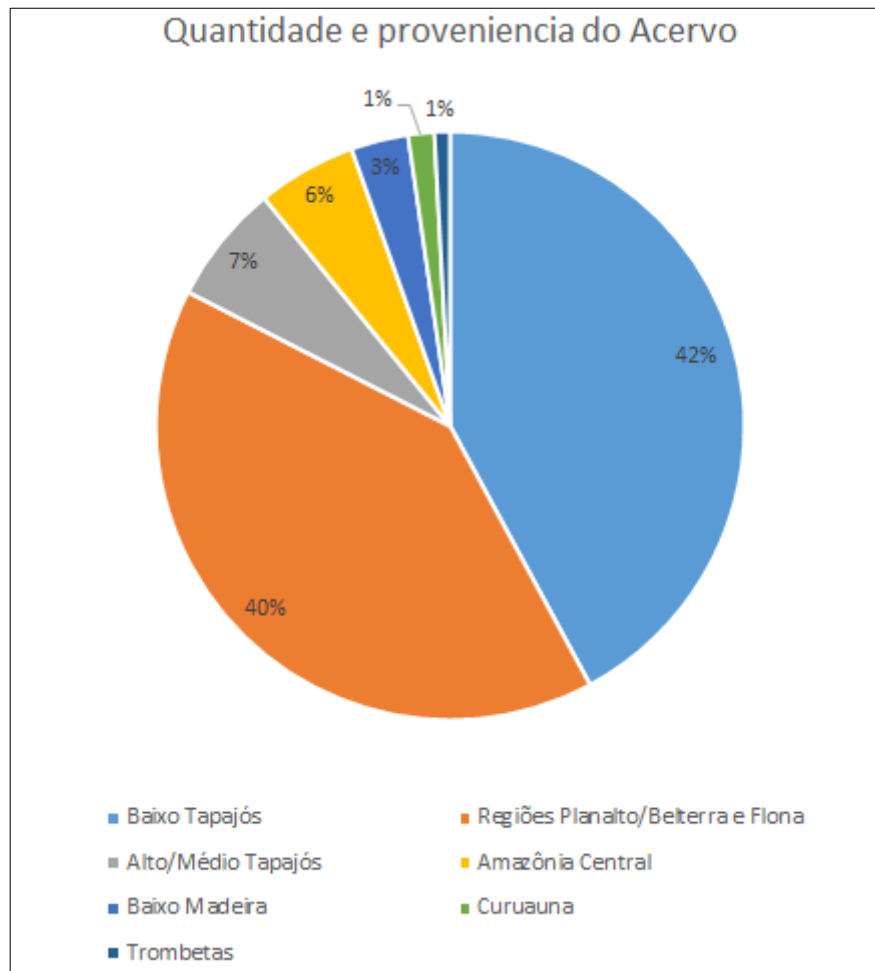


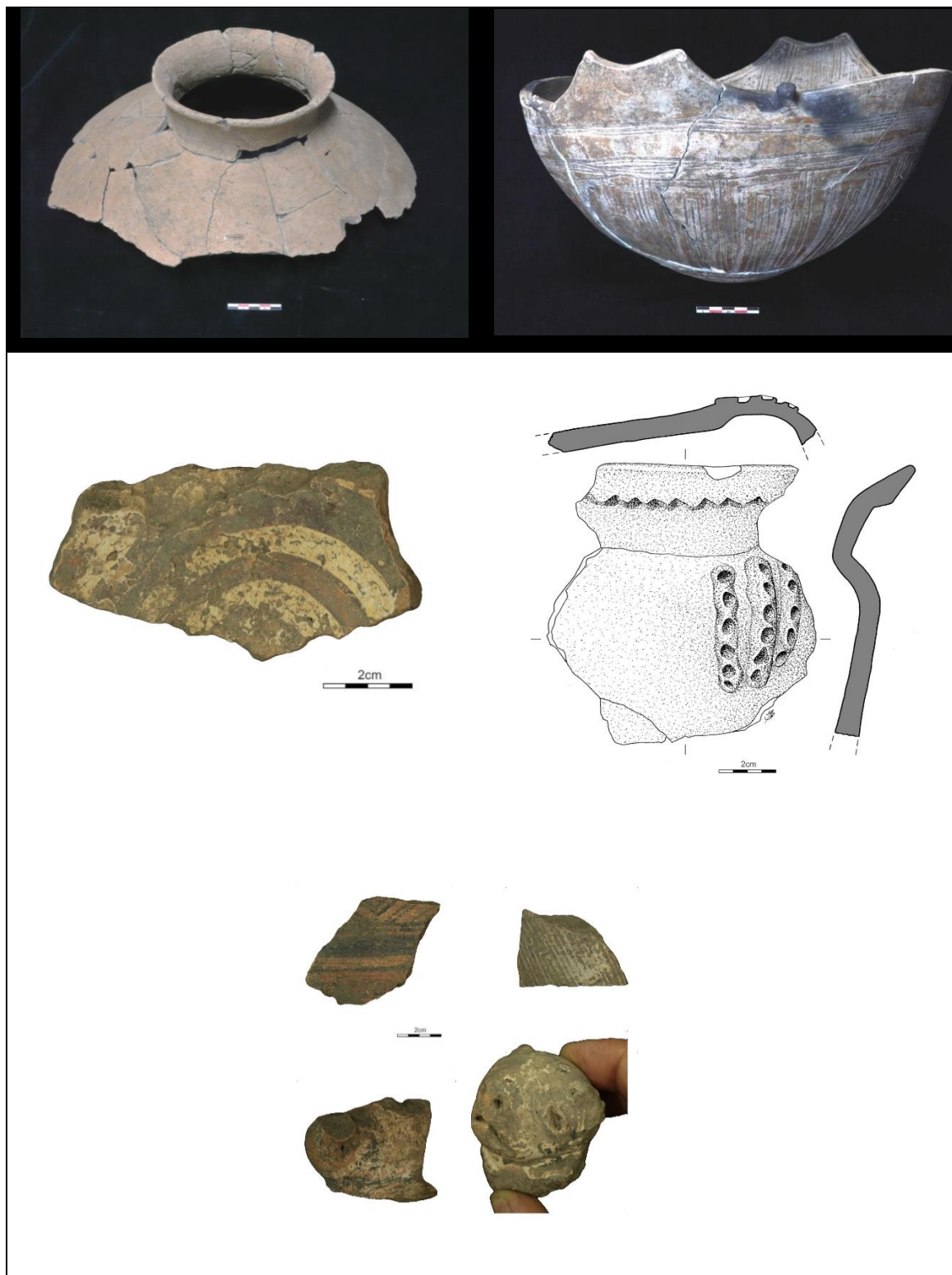
Figura 5 – Muiraquitã lítica encontrado em atividades do sítio escola (Novo Império I) do curso de Arqueologia na Fazenda Experimental da UFOPA À esquerda, peça *in situ* e à direita, no Laboratório Curt Nimuendajú. Fotos: Camila Jácome (2016).



Ao longo do rio Tapajós, temos exemplares de sítios escavados na região de Itaituba, com cerâmicas inciso-ponteadas (ROCHA, 2012, 2017) (Figura 6). Também há materiais vindos de outras regiões da Amazônia, como do município de Iranduba e do rio Madeira no estado do Amazonas, com exemplares de cerâmica Axinim e Paredão (MORAES,

2013) (Figura 6). Os acervos do médio e alto Tapajós, assim como da Amazônia Central estão vinculados aos projetos de pesquisa específicos (GÓES, 2017; TAVARES, 2018; ROCHA, 2012; 2017; HONORATO DE OLIVEIRA, 2015; MORAES, 2013) (Figura 6).

Figura 6 – Vasilhas cerâmicas do acervo do Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú. Acima à esquerda, cerâmica Paredão da Amazônia central; à direita, vasilha Axinim, proveniente do baixo Rio Madeira. Ao centro e abaixo peças de sítios do Alto Tapajós. Fotos: Claide Moraes (2012) e Bruna Rocha (2016). Desenho: Marcos Brito (2016).



O material proveniente da região do rio Tapajós, em suas porções baixa, média e alta, é o mais representativo do acervo, tanto em termos quantitativos quanto em termos de diversidade de escala microrregional, temporal e de representação das ocupações humanas.

Em termos quantitativos, a maior parte do material cerâmico também provém do sítio Porto. Desse sítio, temos várias coleções formadas por pessoas e metodologias distintas, a mais antiga delas provém da pesquisa da arqueóloga norte-americana Anna C. Roosevelt (1989). Posteriormente, em 2010, foi formada a coleção do Sítio Porto e planalto de Belterra, oriunda das escavações de salvamento da UFPA e do projeto Selva Cultivada, coordenadas por Schaan e Per Stenborg (STENBORG, 2016). A última coleção do sítio Porto vem das escavações decorrentes de projetos de salvamento associados, a partir de 2012, às disciplinas de Iniciação à Prática de Campo do próprio bacharelado em arqueologia. Grande parte dos sítios encontrados no município são caracterizados por material de estilo Santarém ou Tapajônico (GOMES *et al.*, 2018).

Figura 7 – Escavações no contexto do sítio escola no campus Tapajós (UFOPA), no sítio arqueológico Porto. Acima e abaixo, foto geral e de detalhe de conjunto de vasilhas cerâmicas exumadas *in situ*. Fotos: Anne Rapp Py-Daniel (2018, 2019).



Coleções formadas por doações

O Laboratório possui, ao todo, 18 coleções provenientes de doações. A composição dessas coleções é diversa e inclui material cerâmico e lítico dos sítios Aldeia e Porto e de outras localidades de Santarém, e de comunidades do baixo Tapajós e Amazonas. Essas doações trouxeram para a reserva materiais históricos (louças, grés, vidro), etnográficos (cerâmicas, cestarias diversas, plumagens, adornos corporais, raladores etc.) e objetos elaborados por ceramistas da região. As duas maiores são as coleções Juma Janaína e a coleção que pertencia ao Museu Esperança, do Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES).

A coleção Juma Janaína⁸ é composta por material cerâmico e lítico da cultura Santarém (Figura 8). Essa coleção foi doada pelo primeiro coordenador do Laboratório, egresso do curso de Arqueologia, e pioneiro dos projetos de pesquisa em Santarém e regiões do entorno, Márcio Amaral, que colaborou com as arqueólogas Denise Schaan e Anna C. Roosevelt e outros professores do curso. As peças que compõem essa coleção foram resgatadas em superfície e organizadas ao longo de três décadas. Elas são oriundas de áreas urbanas e rurais, locais impactados por construções diversas, obras públicas, processos erosivos causados por desmatamento, extração ilegal de terra preta e agricultura mecanizada na região do planalto, nos municípios de Santarém, Belterra e Mojuí dos Campos (AMARAL, 2017; 2018).

Figura 8 – Peças da Coleção Juma Janaína. No alto à esquerda, calibradores sulcados e/ou furadores ou calibradores de furos e à direita, pequenos contenedores líticos polidos. Abaixo, aplique de borda em cerâmica tapajônica e disco perfurado lítico decorado por incisão.
Fotos: Claide Moraes (2020).



⁸ A coleção foi batizada de Juma Janaína em homenagem à filha mais nova de Márcio Amaral.

Recentemente, recebemos uma doação do Museu Esperança, que fazia parte do IESPES. Essa coleção conta com 218 itens, sendo estes materiais de períodos antigos e recentes, principalmente da região dos rios Tapajós e Trombetas-Mapuera (Figura 9).

Figura 9 – Acervo da coleção doada pelo Museu Esperança (IESPES) exposto para estudantes de Arqueologia na cerimônia de doação. Na foto⁹ é possível observar cerâmicas e lâmina de machado arqueológicos; réplicas históricas de cerâmica tapajônica e peças etnográficas, como remo e arco e flecha.



Coleções de referência

Além de ter, ao longo dos anos, estruturado coleções representativas da região, docentes do curso foram aos poucos constituindo coleções que podem ser usadas para identificação de material ósseo e botânico. Essas coleções são essenciais para a formação dos discentes, sobretudo em contextos de reservas técnicas recentes, em que não há exemplares suficientes de todas as espécies. Apesar das dificuldades de construção de coleções de referência, elas são ferramentas imprescindíveis na multiplicação do conhecimento *in situ* de áreas ainda recém iniciadas na arqueologia amazônica, como a paleoetnobotânica, a zooarqueologia e a bioarqueologia.

Nos sítios amazônicos, o material orgânico é extremamente fragmentado; há ausência de livros de anatomia de fauna e flora local com o detalhamento necessário para identificação das espécies a partir de fragmentos; há poucos bancos de dados com as diversidades anatômicas existentes etc. Diante disso, a constituição desse acervo evita que esses tipos de materiais arqueológicos, em geral frágeis, sejam manuseados em demasia.

A coleção de referência de plantas conta com material carbonizado de 49 famílias e 94 gêneros, composta por sementes, frutos e/ou raízes/tubérculos, totalizando 435 amostras. A coleção é produto do projeto intitulado “Carvão oriundo de manejo indígena da Amazônia” (COMIDA), iniciativa realizada em colaboração com diferentes instituições para coleta de plantas atuais.

A coleção de referência de animais vertebrados conta atualmente com um total de 225 esqueletos. Desses esqueletos, 199 são de peixes, 13 de répteis, 8 de mamíferos e 5 de aves. A grande maioria dos animais é proveniente da região de Santarém, com exceção de peixes que foram coletados no rio Guaporé (Rondônia) e na região de Trinidad (Bolívia).

⁹ Fonte: <http://www.ufopa.edu.br/ufopa/comunica/noticias/pecas-do-museu-esperanca-sao-apresentadas-no-laboratorio-de-arqueologia/>. Acessado em 09/09/2020

Coleções experimentais

Apesar das imensas possibilidades de produção de peças comparáveis com exemplares antigos e da realização de testes para pensar em marcas de uso e alterações por desgaste, na arqueologia brasileira a inclusão de experimentações ainda representa iniciativas tímidas nos estudos arqueológicos (SOUZA, 2014).

Na UFOPA implementamos, através de uma disciplina optativa no currículo da graduação, um programa de experimentações que tem apresentado vários desdobramentos interessantes. Como é uma disciplina optativa, ela vem sendo frequentada por estudantes de arqueologia e antropologia, com forte participação de estudantes indígenas, quilombolas e de outras comunidades tradicionais. Como exemplo de atividade realizada, numa dessas oportunidades, discutimos as possibilidades experimentais para melhor entendimento da produção e uso das raras pontas de projétil líticas lascadas encontradas em contexto arqueológico amazônico (Figura 10). Os participantes indígenas chamaram atenção para o fato de que a ponta é uma parte muito pequena do artefato e que só através dela seria muito difícil entender o arco e a flecha. Nossa atividade então se desdobrou em oficinas de lascamento para produção de réplicas de pontas. O aluno egresso Jaime Xamen Wai Wai se propôs a complementar a experiência com uma oficina demonstrativa do modo Wai Wai de confeccionar flechas. Ao produzir exemplares híbridos de flechas Wai Wai com pontas de sílex, tivemos a oportunidade de partir para os testes de eficiência. As pontas líticas, após alguns disparos, se fragmentaram, em alguns casos inviabilizando uma reavivagem.

A partir dessa experiência, Xamen Wai Wai voltou para a terra indígena com o seguinte questionamento para os mais velhos: quais são os motivos para que os indígenas, atualmente, não utilizem pontas líticas em suas flechas? As respostas foram unânimes: pontas orgânicas (osso e madeira) têm maior durabilidade, pois permitem várias reavivagens. Essa pequena experiência abriu margem para pensarmos nos vários contextos antigos em que as pontas líticas são extremamente raras ou ausentes, mostrando que durabilidade no contexto arqueológico não necessariamente significa durabilidade durante o uso.

Figura 10 – Atividades de experimentação de produção de pontas de flecha lítica e vegetal com professores e estudantes do Cursos de Arqueologia e Antropologia, ocorrida em 2014. À esquerda, Vinicius Honorato lascando uma réplica de ponta e à direita, Walter Wai Wai, na época discente de Antropologia, experimentando lançá-la em um alvo.
Fotos: Bruna Rocha (2013).



Experiências semelhantes vêm sendo conduzidas com lascamento, picoteamento, polimento, corte e perfuração de variadas matérias primas líticas. Vários testes dos exemplares experimentais produzidos vêm sendo conduzidos com outras matérias orgânicas com objetivos de testar tanto eficiência quanto desgaste pelo uso. Algumas das

experiências se transformam em testes mais controlados, que se desdobraram em trabalhos de iniciação científica e trabalhos de conclusão de curso.

Por exemplo, Amaral (2017)¹⁰ utilizou experimentação controlada para testar a viabilidade de utilização de furadores líticos, polidos e lascados, além de furadores orgânicos, para a produção de furos dos muiraquitãs e contas de colar. Santos (2015) utilizou experimentação para testar marcas de uso de artefatos cuja funcionalidade como furadores ou dentes de tábuas de ralar foram levantadas através de análises tecnológicas.

Várias cadeias operatórias envolvendo a produção e uso de cerâmicas também são objeto de várias experiências. Por exemplo, Esquerdo e Moraes (2013) desenvolveram amostras controladas para testar variedades e proporções de antiplásticos em diferentes amostras de argila. Marcião (2019) e Silva (2019) estão dando continuidade a essa experiência, incluindo novas variáveis na análise e comparando as amostras experimentais com coleções arqueológicas.

Finalmente, um trabalho inédito para os contextos amazônicos foi desenvolvido por Santos, Pinto e Rapp Py-Daniel (no prelo), em que são analisados os processos de movimentação e decomposição em contexto de réplicas de estruturas de enterramento contendo acompanhamentos orgânicos e cerâmicos com cadáveres de frangos.

Além dessas experiências tão diversificadas, temos como resultados as coleções que podem ser utilizadas em outras disciplinas do curso de arqueologia e várias outras atividades didáticas e de extroversão de conhecimento com diversos públicos. Um exemplo são os kits pedagógicos¹¹ utilizados como suporte às visitas recebidas no Laboratório e as atividades extensionistas realizadas nas escolas do município (Figura 11).

Figura 11 – Kit pedagógico com materiais de referência para atividades de extensão em arqueologia. Fotos: Myrtle Shock (2020).



¹⁰ Esse trabalho rendeu a Márcio Amaral a premiação na categoria de melhor trabalho de graduação em arqueologia pelo Prêmio Luiz de Castro Faria, do IPHAN, no ano de 2018.

¹¹ Os kits pedagógicos foram produzidos dentro do projeto “Arqueologia nas Escolas: História da Amazônia”, coordenado por Anne Rapp Py-Daniel e Myrtle Pearl Shock, em parceria com Vinicius Honorato. O projeto recebeu a Menção Honrosa, em 2019, no Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade do IPHAN e foi criado a partir de uma colaboração entre professores da UFOPA e pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi.

PROBLEMAS, IMPASSES E TENTATIVAS DE SOLUÇÃO DA RESERVA

Enfrentamos situações similares às de muitas instituições públicas que guardam acervos no Brasil, e muitos dos impasses enfrentados por essas instituições estão relacionados às esferas administrativas (SILVEIRA *et al.* 2017) que não conhecem as necessidades, as resoluções ou as leis relacionadas ao Patrimônio Arqueológico Brasileiro. Sendo assim, o principal fator limitante é a restrição orçamentária e alguns dos procedimentos morosos da administração pública, no que tange ao uso do recurso. O impacto disso afeta diretamente todos os aspectos das condições de preservação dos acervos e espaços prediais. As soluções para esses problemas ainda são paliativas.

No que se refere à administração interna do Laboratório, ela é composta pela coordenação e por servidores de áreas técnicas (uma administrativa e um especialista em cartografia), além de uma comissão científica. A coordenação e a comissão científica são compostas por professores, que se dividem nestas tarefas e nas de ensino e pesquisa, sendo que a Universidade reconhece esse trabalho de forma muito parcial. Essa situação tem gerado uma sobrecarga de trabalho para docentes e como solução optamos por compartilhar algumas atividades de organização e gestão com o colegiado do curso.

O orçamento do Laboratório está diretamente vinculado ao do Curso de Arqueologia, que, por sua vez, recebe recursos via distribuição fixa entre todos os cursos do Instituto de Ciências da Sociedade. A distribuição do recurso considera o número de discentes, docentes, projetos de pesquisa e o tempo de permanência de discentes no curso, e não a infraestrutura que precisa ser gerenciada. Isso torna o orçamento do Laboratório e da RT muito restrito. Ao longo dos anos, atividades de obras e compras de equipamentos tiveram que vir diretamente da Reitoria ou via emenda parlamentar. Essa questão dificulta a compra de material, a contratação de profissionais experientes na construção de banco de dados de acervos patrimoniais ou mesmo de pessoal qualificado para atuação dentro das RTs. No que tange toda a região norte do país e em particular o interior da Amazônia, há muita dificuldade em encontrar empresas que se apresentem nos pregões para compra ou contratação, e muitas vezes elas desistem de fornecer os materiais em função dos altos custos de frete e transporte. Essa situação nos obrigou, ao longo dos anos, a ter que participar de forma extremamente ativa dentro dos processos universitários de gestão de recursos, forçando professores a se especializarem nos portais de compra do governo federal.

Uma das questões que atualmente estamos tentando solucionar é a construção de um Banco de Dados em que as informações sobre as diversas coleções do acervo possam ser apresentadas ao público de maneira padronizada e digital, permitindo acessos remotos. Os limites que enfrentamos para a efetivação dessa ferramenta são orçamentários, de pessoal, de tempo e ausência de documentação das coleções depositadas anteriormente à criação da UFOPA. A curadoria desse material passa por questões muito semelhantes à construção do Banco de Dados, visto que nem sempre temos condições para comprar os materiais necessários para as atividades. Além disso, parte da curadoria tem sido empreendida em parceria com estudantes bolsistas, atividade que fica restrita aos seus horários de disponibilidade e à vigência das bolsas. Todo o resto fica diretamente sob responsabilidade dos professores e, eventualmente, dos discentes que integram projetos de pesquisa. Isso é somado a outro elemento problemático para a gestão do acervo, a ausência de pessoal com especialização em Arqueologia, Museologia e Conservação. No cenário atual brasileiro, concursos e contratações têm ficado cada vez mais difíceis.

A ausência de documentação dos projetos anteriores à formação da UFOPA é uma questão especialmente delicada. Um exemplo dessa situação é uma das coleções do sítio Porto, que foi de responsabilidade da arqueóloga Anna C. Roosevelt, na primeira década

dos anos 2000. Não temos nenhum relatório de campo e/ou de curadoria dos materiais arqueológicos. Por ser uma coleção de tamanho considerável, todo o processo de inventário deve ser feito a fim de "escavar" informações. Para além de uma questão de gestão de acervo, a falta de documentação é particularmente problemática para uma instituição de ensino, que, como mencionado, usa seu acervo para formação dos discentes. Assim, os trabalhos dos docentes e discentes que foram realizados sobre outras coleções do Sítio Porto sofrem com essa ausência de informações, limitando às possibilidades interpretativas.

Outra questão que está em processo de adequação e para a qual não possuíamos formação prévia é a conservação preventiva dos acervos. As normativas de gestão do patrimônio, principalmente as últimas portarias do IPHAN, solicitam conhecimentos e equipes interdisciplinares. Contudo a realidade do laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú, assim como de muitos outros, não é essa. Para mitigar tal situação e fomentar o debate sobre a importância da conservação para discentes do curso, temos tido apoio de especialistas da área, que vêm colaborando através de cursos de formação complementar. Assim, em 2018, foi realizado o evento "Conservação e restauro de materiais arqueológicos e históricos" com especialistas da área da conservação, restauro e arqueologia da Amazônia. Nesse evento solicitamos recomendações dos profissionais sobre ações importantes a serem realizadas sobre nosso acervo que, assim como a portaria nº 196/2016 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, servem de guias para as ações que empreendemos, mas que não substituem a atividade que deve ser contínua e exercida por profissionais da conservação.

Associada a essa situação, temos percebido que nem todas as orientações em manuais são pertinentes a países e regiões que enfrentam precariedade em seu sistema de fornecimento de energia elétrica. Por exemplo, temos que ter uma atenção contínua com as oscilações de energia, frequentes na região, e, assim, repensar a necessidade de manter os acervos em ambientes mais secos ou frios, pois em vez de auxiliar na manutenção do acervo, a oscilação de temperatura e umidade pode acelerar o processo de deterioração. Essas circunstâncias têm nos levado a manter controles contínuos visuais (fotos) e descritivos, principalmente com o material frágil e/ou de origem orgânica, e têm servido como instrumento pedagógico e científico para discussões em nossas atividades de ensino e pesquisa conforme mencionamos anteriormente. Entretanto, mais uma vez, a participação de um especialista em conservação no quadro de profissionais seria fundamental e permitiria ações mais efetivas e permanentes.

PERSPECTIVAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As coleções arqueológicas e etnográficas do acervo do Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú pertencem aos povos que as fabricaram e/ou às populações que hoje, de alguma forma, se identificam com esses materiais. Se as ações que formaram as coleções em reservas técnicas foram preconcebidas por ideários racistas, colonialistas e machistas (WICHERS, 2018), é nosso papel questionar e transformar essas práticas. Fundamentados nesses questionamentos e considerando o panorama particular e especial dos acervos e das comunidades com as quais o Laboratório interage e a região em que ele se encontra, propusemos também no presente artigo o termo "acervos epistêmicos".

Conceituamos esses acervos como epistêmicos justamente porque esse complexo de material cultural conflui em uma pluralidade de saberes, envolvendo saber-fazer e processos de resistência históricos dos povos envolvidos. Para além disso, acreditamos que novas epistemologias, subjetividades, ontologias, teorias e metodologias devem ser repensadas pela academia para que de fato dialoguem com as epistemologias femininas,

negras, indígenas, quilombolas e de outros povos não ocidentais com os quais os acervos estão relacionados (ALVES, 2019; BARBOZA *et al.*, 2019).

Neste artigo não foi nosso objetivo apresentar uma nova proposta teórico-metodológica de gestão de acervos, mas, ao contrário, colocar em evidência que novos cenários de gestão precisam ser construídos e que metodologias de acesso, estudo, pesquisa e interação junto às populações locais precisam ser desenvolvidas de maneira colaborativa considerando as especificidades de cada contexto. Dessa maneira, acreditamos que poderemos contribuir para a integração da diversidade de saberes e para a verdadeira ressignificação dessas coleções. Esse autoquestionamento é essencial e fruto das nossas experiências enquanto docentes, estudantes e servidores técnicos, atuando em uma universidade pública na Amazônia e sob contextos arqueológicos, socioculturais e geopolíticos peculiares.

Na última década, o Laboratório vem tentando se reinventar juntamente com a universidade e a comunidade não acadêmica do oeste do Pará. Atividades de pesquisa, ensino e extensão estão sendo desenvolvidas em parcerias com escolas, museus, oficinas de artesãos, Casas e Terreiros de matriz africana, associações dos moradores, de indígenas e de quilombolas, além de outras instituições de ensino e pesquisa da região. O Laboratório atua como um locus de conexão geracional e de pluralidade de saberes, constantemente desafiado pelas dinâmicas de alteridades e identidades e pelas dimensões epistemológicas de interpretação. Nossa motivação é essa diversidade de sujeitos e, pensando na hegemonia do discurso científico global, o maior desafio consiste em refletir conjuntamente e propor formas contra hegemônicas de acesso e de guarda compartilhada dessas coleções de “acervos epistêmicos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Alfredo W. B. de. Museus Indígenas e quilombolas: os novos significados do conceito de patrimonialização. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 37, p. 39-57, 2018.
- ALVES, Lidiane da Conceição. Reivindicando o território epistêmico: mulheres negras, indígenas e quilombolas interpelando a antropologia. *Revista Humanidades e Inovação* 6(16): 82-94, 2019.
- ALVES, Marcony Lopes. *Objetos distribuídos do Baixo Amazonas: um estudo da cerâmica Konduri*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. 2019.
- ARAÚJO, Fernanda Guimarães. *Curadoria, conservação e restauro, um estudo de caso de um vaso cerâmico do Sítio Porto Santarém-PA*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso em andamento. Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- BARBOZA, Myrian Sá Leitão; TUKANO, Larissa Duarte Ye'Padiho; WAIWAI, Jaime Xamen. "Corporterritorialização" Katukina: lampejos etnográficos sob as perspectivas femininas indígenas. *Amazônica – Revista de Antropologia*, v. 11, n.2, dez. 2019.
- BARATA, Frederico. O Muiraquitã e as Contas do Tapajó. *Revista do Museu Paulista* N. S., VOL. VIII. 1954.
- BEZERRA, Márcia. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. *Revista Arqueologia Pública* v. 7, n.1, p. 107-122, 2013.
- BEZERRA, Marcia. Com os cacos no bolso: o colecionamento de artefatos arqueológicos na Amazônia brasileira. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 38, p. 85-99, 2018.
- BRANCHES, Nayane Silva. *Uma breve análise iconográfica da cerâmica do Sítio Pajuçara na região de Santarém – Pará*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- CORREA CARVALHO, Simone. *Estudo da espacialidade de fragmentos cerâmicos dentro de feições arqueológicas no Sítio Porto, Santarém-Pará*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- CRONYN, Janey M. *The Elements of Archaeological Conservation*. London (Inglaterra): Routledge, 1990.
- ESQUERDO, Suellem Dayane Moraes; MORAES, Claide de Paula. Arqueologia Experimental como ferramenta para o estudo e identificação de escolhas tecnológicas no uso de antiplásticos em vasos cerâmicos pré-coloniais. In: *II Jornada Acadêmica da UFOPA: Integrando Ensino, Pesquisa e Extensão na Amazônia; III Seminário de Iniciação Científica*, Santarém. Universidade Federal do Oeste do Pará II. Campus Santarém, 2013.
- FÉLIX, Max Roberto da Silva. *Estudo paleoetnobotânico de macro vestígios vegetais do Sítio Porto*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- FRONER, Yacy-Ara. Tópicos em conservação preventiva – 8: Reserva Técnica. Belo Horizonte (Minas Gerais/Brasil): LACICOR-EBA-UFMG, 2008.
- GOES, Hesley Karolinne Moraes. *Caracterização das indústrias líticas de grupos ceramistas do rio Tapajós Brasil*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- GOMES, Denise. M. C., SILVA, Adriana C.; RODRIGUES, Robson. *Múltiplos territórios: os sítios vizinhos às grandes aldeias de Santarém, PA*. *Revista de Arqueologia*, v. 31, n.1, p. 03-24, 2018.
- HODDER, Ian, SHANKS, Michael, ALEXANDRI, Alexandra, BUCHLI, Victor, CARMAN, John, LAST, Jonathan & LUCAS, Gavin. (Eds.). *Interpreting archaeology: finding meaning in the past*. New York: Routledge Press, 1995.

- HONORATO DE OLIVEIRA, Vinicius. *Shatters among sherds: A study of lithic assemblages of the Upper Tapajós River*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Institute of Archaeology, University College London, 2015.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- HOSN, Majd Aboul. *Sítio Porto: modelos de utilização do espaço*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- JESUS, Hudson Romário Mello de. *Traços dos Tapajó: análises de cerâmicas arqueológicas do sítio porto de Santarém (PA-ST-42)*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- LIMA, Anderson Marcio Amaral. *Contextualização espacial, histórica e tecnológica dos Muiraquitãs amazônicos*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- LIMA, Anderson Márcio Amaral. A Ecologia de Assentamentos, Interações Sociais Ameríndias e o Contexto Geográfico dos Muiraquitãs no Baixo Amazonas. *Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)* 15.30: 121-141, 2018.
- LIMA, Helena P.; BARRETO, Cristiana; FERNANDES, Camila. Museus no Século 21: ações pela salvaguarda e socialização do acervo arqueológico do Museu Goeldi. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 38, p. 145-161, 2018.
- MAEKAWA, Shin; BELTRAN, Vincent L.; HENRY, Michael C. *Environmental Management for Collections: Alternative Conservation Strategies for Hot and Humid Climates*. Getty Publications, 2015.
- MARCIÃO, Rodrigo Ferreira. O uso da arqueologia experimental na produção de uma coleção de referência de “discos” cerâmicos. Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Santarém, UFOPA, 2019.
- MORAES, Claide de Paula. *Amazônia ano 1000: territorialidade e conflito no tempo das chefias regionais*. Tese de doutorado, São Paulo, MAE/USP, 2013.
- MORAES, Claide de Paula; AMARAL, Anderson Márcio; SANTOS, Rogerio A. Além da cerâmica: a diversidade da indústria lítica do Tapajó, Santarém-PA. In: II reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira da regional Norte, 2014, Macapá. Caderno de resumos II reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira da regional Norte. Macapá: SAB. v. 1. p. 36-37, 2014.
- MORAES, Claide de Paula; RUIZ, Wellington. A. ; GONZALES, Kevin. E.; SÁ, Mayara. S. Ramos.; SIMOES, Anne. C. ; RAPP PY-DANIEL, Anne, TAVEIRA, Lucas. *Tauary: Fazendo Arqueologia na Amazônia*. Filme, Mostra Audiovisual da UFOPA, 2020.
- MUNDURUKU, Jair Boro, *Caminhos para o passado: Ocaõ, Agukabúk e Cultura Material Munduruku*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Oeste do Pará.
- NEVES, Eduardo Góes. A Cidade de Todos os Tempos. *National Geographic Brasil*, São Paulo, Brasil, 23 nov. 2015.
- NICHOLAS, George P. Native peoples and archaeology. *Encyclopedia of archaeology*, v. 3, p. 1660-1669, 2008.
- NIMUENDAJU, C. *Em Busca de um Passado Amazônia Pesquisas Arqueológicas na Guiana Brasileira e na Região Amazônica*. Editor Per Stenborg. Göteborg, 2004.
- PINHEIRO, Natália Cristiana Pereira. “Minha terra tem palmeiras..” *Análises morfológicas de frutos e sementes de três espécies de Arecaceae de populações modernas e arqueológicas na Amazônia*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.

- PINTO, Alba Pereira. *Conservação de materiais associados a contextos de enterramento na Amazônia*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- RAPP PY-DANIEL, Anne, ARENZ, Karl, MORAES, Claide P., CAMPOS, Vitória S., CRIADO, Mauricio R. *Uma Santarém mais antiga sob o olhar da Arqueologia*. Belém: MPEG, 2017.
- ROCHA, Bruna Cigaran. *A Regional Archaeology of the Upper Tapajós River*. 2012. Dissertação. Mestrado em Arqueologia, Institute of Archaeology, University College London.
- ROCHA, Bruna Cigaran. *Ipi Ocemumuge: A Regional Archaeology of the Upper Tapajós River*. 2017. Tese. Institute of Archaeology, University College London.
- ROCHA, Bruna Cigaran, JÁCOME, Camila, STUCHI, Francisco. F., MONGELÓ, Guilherme Z.; VALLE, Raoni. Arqueologia pelas gentes: um manifesto. Constatações e posicionamentos críticos sobre a arqueologia brasileira em tempos de PAC. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 1, p. 130-140. 2013.
- ROOSEVELT, Anna C. Lost civilizations of the Lower Amazon. *Natural History*. February. New York: American Museum of Natural History. pp. 74-83, 1989.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. Palestra. Módulo II - Confluência da periferia. Em: Significações da periferia: representações, confluências e transgressões. 2019. Acessado em 23 de agosto de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RiKAU5oGgRE>.
- SANTOS, Manoel Fabiano da Silva. *Um estudo Paleoetnobotânico no baixo amazonas: o caso do sítio arqueológico da Caverna da Pedra Pintada, Monte alegre – Pará*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- SANTOS, Rogério Andrade dos. *Dente de ralador e furador? um estudo preliminar da função de dois tipos de artefatos líticos oriundos do sítio arqueológico do Porto, Santarém-PA*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- SANTOS, Suiane de Sousa. *Experimentação tafonômica em contexto de enterramento na Amazônia*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- SANTOS, Suiane; PINTO, Alba; RAPP PY-DANIEL, Anne. Experimentação Tafonômica em Contextos de Enterramento na Amazônia. *Boletim do Museu Emílio Goeldi*. (no prelo).
- SANTOS RAMOS DE SÁ, Francielly; PRESTES-CARNEIRO, Gabriela; MORAES, Claide de Paula. *Olhando para possíveis restos de alimentação através da fauna do Sítio Porto- PA*. Poster apresentado à SAB Norte, Macapá, 2014.
- SCHAAN, Denise Pahl. Múltiplas vozes, memórias e histórias: por uma gestão compartilhada do patrimônio arqueológico na Amazônia. *Patrimônio Arqueológico: O desafio da preservação*. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 33, p. 109-136, 2007.
- SCHAAN, Denise P.; ALVES, Daiana T. (Org.). *Um Porto, muitas Histórias*. Arqueologia no Porto de Santarém. 1. ed. Belém: Supercores, 2015. v. 1. 161p.
- SILVA, Adriano Rubem Miranda. Análise tecnológica de três fases cerâmicas da Amazônia: uma perspectiva da arqueologia experimental. 2019. Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Santarém, UFOPA.
- SILVA, Ana Caroline Sousa da. *De mãe para filhos: transmissão de conhecimento e (re)apropriação do passado arqueológico*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Oeste do Pará.
- SILVEIRA, Maura I.; de CASTRO Dutra, Vanessa; SILVA, Camila F. A.; de FARIAS Ferreira, Regina M.; JALLES, Cíntia. Coleções arqueológicas do Museu Paraense Emílio Goeldi-panorama da reserva técnica e os desafios da conservação. In: Campos, Guadalupe N.; Granato, Marcus (org.) *Preservação do Patrimônio arqueológico: desafios e estudos de caso*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2017. p. 169-191.

- SOUSA ALVES, Gilvandro Flávio de. *Relação da cultura Santarém na Fazenda Experimental (Sítio Novo Império II)*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso em andamento. Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- SOUZA, Gustavo Neves de; LIMA, Ângelo, Pessoa. Experimental Archaeology on Brazilian Polished Artifacts: Making Adornments, Hafting Blades and Cutting Trees. In: CURA, Sara; CEREZER, Jedson; GUROVA, Maria; SANTANDER, Boris; OOSTERBEEK, Luis; CRISTÓVÃO, Jorge. (Org.). *Technology and Experimentation in Archaeology*. 1ed.: BAR International Series 2657, v., p. 17-24, 2014.
- STENBORG, Per. Rumo a uma História Regional de Assentamentos Pré-Colombianos nas Regiões de Santarém e Belterra, Pará, Brasil. In: Stenborg, Per (Ed.), *Beyond Waters: Archaeology and Environmental History of the Amazonian Inland*, Gotemburgo: Gotarc Series A Gotthenburg Archaeological Studies 6, p.9-20, 2016.
- TAVARES, Hugo Lopes. *Estudo Tecnológico do material cerâmico dos sítios arqueológicos Sawre Muybu e Terra Preta do Mangabal, Região do Alto Rio Tapajós*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- VASCONCELOS JÚNIOR, Orzilando Oliveira. *Cadeia operatória na produção de dentes de ralador e furador*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso em andamento. Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.
- VAZ DE ALMEIDA, Florêncio. Povos indígenas e etnogêneses na Amazônia. In: LUCIANO, G. J. dos S.; OLIVEIRA, J. de C.; HOFFMAN, M. B. *Olhares indígenas contemporâneos*. Brasília: Centro Indígena de Estudos e Pesquisas, 2010.
- WAI WAI, Beni. *Práticas funerárias e suas transformações nos últimos 70 anos entre os Wai Wai do Mapuera*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Oeste do Pará.
- WAI WAI, Cooni. *A Cerâmica Wai Wai: Modos De Fazer do Passado e do Presente*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Oeste do Pará.
- WAI WAI, Jaime Xamen. *Levantamento etnoarqueológico sobre a cerâmica Konduri e ocupação Wai Wai na região da terra indígena Trombetas-Mapuera (Pará, Brasil)*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Oeste do Pará.
- WICHERS, Camila Moraes. Sociomuseologia e Arqueologia Pós-processual: conexões no contexto brasileiro contemporâneo. 2016.
- WICHERS, Camila Moraes. Museologia, feminismos e suas ondas de renovação. *Museologia & Interdisciplinaridade*. Vol. 7, nº13, Jan./ Jun. de 2018.